

Simone Weil ()*

VIDA E CONTEXTO HISTÓRICO.

Simone Adolphine Weil [adiante SW] nasce em Paris a 3 de fevereiro de 1909, no apartamento dos pais Bernard Weil e Salomea "Selma" Weil. Beneficiando de um próspero ambiente familiar judaico, de matriz alsaciana e declaradamente agnóstica, SW, três anos mais nova, desenvolve laços de forte cumplicidade e admiração com o seu único irmão e futuro matemático de renome André Weil. Apontada pelo aclamado filósofo francês Albert Camus como «o único grande espírito do nosso tempo» [sic. in *Lettre à Selma Weil <mère>*, 1951], dedicará a sua vida ao ensino, ao estudo da cultura clássica em interdisciplinaridade com as humanidades, as artes e as ciências, assim como a uma ininterrupta e por vezes dispersiva produção textual nos domínios historiográfico, filosófico, sociológico, religioso e ascético-místico, recorrendo a registos estilísticos tão multifacetados como o auto-biográfico, o interventivo, o ensaístico, o epistolar, e o poético. No ápice de pouco mais de três décadas de vida, a um intermitente desempenho lectivo, somar-se-ão actividades de extenuante desgaste físico e psíquico como as de operária fabril e tarefeira agrícola, e outras mais como as que, em fervoroso activismo social, sindical e até político, a fizeram a lutar ao lado de anarquistas republicanos na Guerra Civil Espanhola e, tempos depois, a integrar o movimento de resistência anti-nazi em Londres. Volvidos três dias de internamento hospitalar motivado por tuberculose, a sua vida extingue-se aos 34 anos de idade no Sanatório Grosvenor, em Ashford, a 24 de agosto de 1943. Consta que, nos momentos

* AMARAL António, «Simone Weil», in *Dicionário Global da Espiritualidade e da Mística*, dir. Eduardo Franco e Eugénia Abrantes, Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização (IEAC-GO) e CLEPUL – Universidade de Lisboa, em parceria com a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP); Lisboa: 2025 [versão online ISBN 978-989-9012-99-8]

finais, terá discretamente solicitado o batismo, mas, na ausência de fontes fidedignas, tal não pode ser dado por certo. Quatro etapas pontuam a urdidura de uma vida tão curta quanto intensa.

1) Um transformante vislumbre social: compassividade e compromisso.

Dotada de um espírito precoce para as línguas antigas (na adolescência já dominava o grego, que aprendeu após contacto com os textos homéricos), a adolescente SW cedo se fascina pelo fenómeno religioso na sua múltipla explicitação cultural. Após ter superado os estudos liceais sob o magistério de Émile Cartier, por todos venerado sob pseudónimo literário de "Alain", ingressa com 19 anos na École Normale Supérieure para cursar no ramo de Filosofia e Lógica. Obtido em 1931 o diploma de estudos superiores com uma tese sobre a concepção cartesiana de ciência, e, nesse mesmo ano, a respectiva agregação, inicia funções lectivas em Le Puy, intercalando a docência pública com incursões cívicas, laborais e sindicais, num extenuante ritmo de vida que progressivamente fragiliza e degrada a sua condição de saúde. De traços frágeis e temperamento ora impulsivo ora melancólico mas sempre generoso e sensível, opta por uma vida celibatária, descartando, no plano sentimental, envolvimentos amorosos, a fim de se poder concentrar unicamente no propósito de melhorar as condições de vida dos excluídos e desfavorecidos, o que lhe terá valido a alcunha de "Virgem Vermelha". Contudo, apesar do completo desinteresse por proselitismos partidários e cartilhas ideológicas, assumirá sem embaraço essa insinuação de "esquerdista", enfileirando-se em manifestações sindicais e em movimentos grevistas contra as precárias condições laborais e de vida do operariado e do campesinato. Dando por suposto que o mundo do trabalho constitui o habitat em que o labor intelectual fazer prova da sua relevância, SW sente o irresistível apelo de contribuir para promover a

consciência operariado, relectindo sobre as condições sócio-culturais em que todos os interesses, forças e aspirações individuais interagem no sistema económico, e sobre o modo como a ciência, a literatura e a filosofia podem influenciar estruturalmente na dinâmica produtiva e, por consequência, evitar que, na sua infindável mimese, a mesma se converta numa rotina esvaziada de sentido e, por isso mesmo, alienante e mortífera.

2) Uma premonitória desilusão revolucionária: viagem à Alemanha.

Em 1932, SW viaja até Berlim e, atenta aos sinais dos tempos, presente horrorizada que, mais tarde ou mais cedo, os ventos correrão de feição para o nacional-socialismo hitleriano, dada a manifesta impotência das forças revolucionárias alemãs para se libertarem do impasse gerado quer, de um lado, por uma social-democracia de inspiração weimariana completamente esquivada ao proletariado fabril e apenas obcecada com a gestão burguesa do Estado capitalista, quer, do outro, por um partido comunista deslumbrado pela gestão burocrática do Estado soviético, mas só capaz de mobilizar uma inorgânica massa de desempregados (e não a classe operária como doutrinariamente seria suposto). Anestesiados à vulnerabilidade e ao sofrimento (*pathos*) do operariado pela fria impessoalidade dos seus sistemas doutrinários ou ideológicos, tanto o capitalismo como o comunismo expõem – aquele por via económica e este por via societal – contradições práticas que os tornam paradoxalmente impraticáveis e, por isso mesmo, letais no seu inglório esforço de operacionalização. O diagnóstico de SW é, a esse propósito, inequívoco: a vivência operária pode ser oprimida e asfixiada pela lógica interna do sistema produtivo tanto por voraz exploração capitalista, como por obstinada prepotência burocrática, motivo pelo qual, desatento à emergente complexidade social dos inícios do séc. XX e ofuscado pela ficção materialista

que reduz a uma dialéctica de classe as aspirações vivenciais do indivíduo, o comunismo não só não está à altura de protagonizar a tão almejada revolução emancipatória do proletariado, como transporta em si mesmo a falência do socialismo real [vide *Allons-nous vers la révolution prolétarienne?*, 1933]. Como é evidente, enquanto a social-democracia e o ordo-liberalismo assobiavam para o lado, os comunistas ortodoxos jamais tolerarão tamanha blasfémia, nomeadamente Léon Trotsky, que sai a terreno com acintosas réplicas escritas a desqualificar as ideias da jovem pensadora francesa.

3) Uma provocadora evidência filosófica: os clássicos gregos libertam e dão trabalho...

Em 1934, SW decide interromper por um biénio a actividade lectiva para se dedicar à experiência de operária “como” e “entre” os operários numa das unidades fabris da produtora de automóveis Renault. Dada a exigência física e mental das rotinas impostas por uma ininterrupta e massiva cadência produtiva, apenas aí consegue aguentar um ano, após contrair uma grave inflamação pleural. A efémera imersão no mundo operário reforça-lhe a convicção de que a única via para uma integral emancipação laboral do indivíduo teria de passar por encarar os subtis dispositivos de opressão não tanto na óptica assimétrica de uma desigualdade entre classes, mas antes pela desconstrução formativa de uma passividade que parasita a internalização inconsciente dos valores da própria força opressora. A unidade fabril representa, pois, a face visível de uma encenação organizacional invisível, na qual o trabalho humano se dilacera entre a exposição vulnerável ao poder-ser-explorado e o medo de se ver banido do horizonte em que ocorre esse efeito subjugante [vide *Expérience de la vie d'usine*, 1941-42]. Perfeitamente ciente que o trabalho é usado no contexto da antiguidade como dispositivo que,

paradoxalmente, tende a escravizar aqueles que estão privados da capacitação intelectual, SW tem a clara noção de que, se essa lacuna não for preenchida no contexto laboral do operariado do séc. XX, um indivíduo que exerça única e exclusivamente um dos dois tipos de trabalho, ou o manual ou o intelectual, torna-se um autómato da sua própria alienação. Confiante nas vantagens económico-sociais que o poder inspirador da cultura clássica e o poder crítico da reflexão filosófica podem induzir no mundo laboral, SW terá chegado mesmo a sugerir a um director fabril a possibilidade contratual de, em períodos específicos do ciclo laboral, proporcionar aos trabalhadores sessões formativas de leitura e de cultivo intelectual com base nos textos dos poetas, dramaturgos e filósofos gregos da antiguidade.

4) Uma operante transfiguração mística: enraizamento e radicalidade cristã.

Sem qualquer preparação militar, SW junta-se em 1936 à causa republicana durante a Guerra Civil Espanhola, incorporando uma milícia de anarquistas. Após um acidente em que quase perde um pé por queimadura, os pais levam-na de Espanha para a Itália, deixando-a em Assis para recuperar. A estadia na bela região da Umbria culmina com a impactante experiência de um êxtase religioso na Basílica de Santa Maria degli Angeli que a converterá incondicionalmente ao cristianismo. O acontecimento precipita, de isto, a adesão pessoal a uma religião para a qual já se sentia, aliás atraída e fascinada, desde logo quando, muito nova ainda, decide esforçar-se pôr em prática a mensagem de amor ao próximo, e aquando de uma estadia de férias em Portugal, já em plena juventude, se vê profundamente tocada pela beleza dos hinos litúrgicos entoados por populares numa celebração religiosa ao ar livre. Mais tarde, ao escutar um canto gregoriano num mosteiro beneditino, sente como um evento real a arrebatadora ambivalência da Alegria-Sufrimento em

Cristo, dando início a um caminho de transformação e de aperfeiçoamento espirituais. Para corresponder à exigência desse efeito transformador e por força da sua formação filosófica e vasta erudição enciclopédica, começa a aprofundar estudos de teor mais metafísico, incluindo concepções religiosas antigas ou de outras latitudes como o maniqueísmo, o gnosticismo, o pitagorismo, o estoicismo, o taoísmo e budismo. A solitária odisseia de uma doação existencial a Cristo não implicou, contudo, a preferência por uma religião exclusiva e excludente das demais, visto que a multiplicidade de outras tradições religiosas – desde as mais antigas, mistericas e politeístas, até às mais recentes, orientais e abraâmicas – longe de apelarem a um sincretismo religioso, desviando a atenção do essencial, explicitam antes de tudo formas genuínas e enraizadas de revelação do sagrado e, nesse sentido, espelham, cada qual à sua maneira, uma Sabedoria una e diferenciadamente espelhada na beleza da arte e da ciência. O caminho não se faz, todavia, sem a itinerância ascética de uma *via crucis*. A ascese que propiciará a SW a catarse transfiguradora da sua vida coincidirá temporalmente com o deflagrar da 2ª Guerra em 1939 e a subsequente ocupação alemã da França no ano seguinte. Com a entrada dos alemães em Paris, empreende uma fuga para Marselha, passando a adoptar de imediato o pseudónimo de Emile Novis (anagrama de Simone V/W/eil) na colaboração escrita que mantém periodicamente com outros escritores que, pelas mesmas razões, se haviam refugiado na cidade. Aí se cruza com Joseph-Marie Perrin, padre católico que, fascinado pelo ímpeto sua escrita em torno da vivência radical do cristianismo, em vão lhe propõe o baptismo como sinal de pertença a uma comunidade de fé, recebendo da jovem foragida a desconcertante justificação de que sente que é necessário permanecer em estado de absoluta solitude religiosa, como uma estranha e uma exilada [vide *Attente de Dieu*, 1942]. Em Marselha vive também o afamado teólogo Gustave Thibon, dedicado à

gestão de uma unidade de produção agrícola, e é nesse contexto que, graças às diligências do padre Perrin, SW é por aquele acolhida, tomando de imediato a decisão de praticar a tão desejada purificação ascética na dureza do trabalho quotidiano: em campos e vinhedos, lado a lado com os camponeses, participa da labuta diária nas duras e fatigantes colheitas e vindimas, dormindo num saco rente ao chão e reduzindo e ingerindo apenas legumes e vegetais. Nos poucos tempos vagos que lhe restam, aproveita para escrever o mais que pode e a fadiga lho consente, movida pelo propósito teórico de ensaiar uma sustentada e convincente simbiose teórica entre a antiga cultura grega e a mundividência cristã. Em abril de 1942, deixa Marselha e, após uma curta passagem pelos Estados Unidos, viaja para Londres com o intuito de, a partir daí e por recurso à força aérea, ser lançada de paraquedas em França para participar activamente na resistência aos alemães. Dissuadida, porém, de um plano que todos ao seu redor consideram excessivamente aventureiro e desnecessariamente arriscado, são-lhe confiadas, em vez disso, uma série de tarefas burocráticas que a decepcionaram e logo renuncia ao cargo, entrando em auto-privação alimentar com a justificação de que não tinha o direito de comer mais do que os resistentes na França ocupada. Antes de ser hospitalizada num estado de saúde já em progressiva e acelerada degradação, ainda fará um derradeiro esforço para, pouco antes da sua morte, em 1943, proceder à compilação e sistematização de uma série anotações sobre uma "sociedade sem opressão", resultado que frutifica na publicação de uma das suas obras mais icónicas, *L'Enracinement*, ao qual é apostado o provocatório subtítulo *prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*.

PENSAMENTO E EXPERIÊNCIA MÍSTICA.

A experiência mística vivenciada por SW possui um recorte psico-espiritual muito complexo. Seja como for, percebemos, a partir do que nos relata nos seus escritos, que a sua vida é reconfigurada por eventos experienciados como sinal intensificador de uma presença excedente e envolvente do divino, à qual corresponde um sentido de graça acolhida em contínuo esvaziamento de si e em abandono amorosamente confiante a Cristo. Não se trata de uma apropriação possessiva da alma, mas de uma apropriação interpessoal que, longe de dissolver um subjectivo “eu-comigo-mesmo”, intensifica a consciência envolvida e excedida por um “Tu-em-mim-próprio”. A forma como SW incorpora essa transformação conectiva assenta na inusitada convicção de que o cristianismo é, tal como a cosmovisão grega, portador de um impulso essencialmente filosófico e científico, cuja expressão racional só é possível pelo enlace entre os conceitos gregos de *logos* (palavra) e *arithmos* (número). Com efeito, tanto pode o *logos* ser lido no Prólogo do Evangelho joanino como “verbo” performativo-criador ou como “mediação” matemático-reguladora, como, mesma forma, pode o reencontro de Orestes e Electra ser lido em Sófocles como símile simbólico-analógico do reencontro da alma humana com Cristo. A apropriação do cristianismo por SW encontra-se, por conseguinte, marcada por uma profunda continuidade entre uma afectiva experiência espiritual e uma efectiva vivência intelectual, num esforço místico de síntese que ainda hoje surpreende pela sua inclassificável originalidade. Vinculada ao imperativo ético da “compassividade”, i.e. na capacidade de “com-padecimento” em face do “sofrimento-do-outro”, a via mística de SW ilumina e convoca-nos para o desafio de assumir a vulnerabilidade humana como contexto “enraizado”, e não apenas pretexto “distanciado”. Dedicar uma solícita atenção ao *pathos* da vida do mundo para “co-senti-lo” e “con-sentir com ele”, eis as marcas características

da uma mística do quotidiano, iluminada pelo desafio cristão desse paradoxal movimento “kenótico” de Cristo, à imagem do qual a alma se plenifica por “esvaziamento” da sua ilusória autossuficiência. Nesse sentido, a experiência do pensamento comporta para SW responsabilidades individualmente situadas com consequências sistémicas no bem comum. Desenraizado da realidade e dos seus dramas, o trabalho intelectual deixa de ser obra da verdade para se subverter em puro diletantismo ou, pior ainda, em sofisticada desatenção social à promoção da dignidade, em requintada negligência económica pela gestão dos recursos, e em meticuloso descuido político pelo bem-comum. Conceder atenção ao real supõe, portanto, que a pessoa se esvazie de si própria, do seu insuflado e inflacionado eu-egoísta, para acolher o outro não como imagem reduplicada de si mesmo, mas para incarná-lo na sua pura alteridade, num processo ético que assume a encarnação de Cristo como *metaxy* (i.e. como “mediação”) ontologicamente saturada, capaz de ligar o superior e o inferior e, nessa mesma medida, tudo o que no plano horizontal interage e se correlaciona. Deixando por vezes o leitor estupefacto com os nexos que explora à luz dos arquétipos textuais dos clássicos (sejam eles líricos, épicos, dramaturgicos ou filosóficos), a mística espiritual de SW remete-nos para a silenciosa perplexidade do homem perante o cego jogo de forças que o afectam na e pela sua ambiguidade. É por isso que vale a pena ler a *Ilíada*, por exemplo – nela, com efeito, se pode captar o gesto ousadamente livre de sobrepor à “gravidade mortal da força” a “gravidade moral da graça”, num movimento de catábase em que, muito ao jeito do descensional retorno à caverna platónica, a vida individual é conduzida pela contraintuitiva topografia de um percurso descendente que a faz “cair para o alto” (vide *La pesanteur et la grâce*, 1941). Uma consciente auto-apropriação do trabalho constitui o primeiro passo para assumir essa livre sujeição da gravidade à graça. O trabalho que se liberta do

peso da inconsciente mimese replicativa para se adensar na atenção criativa a uma tarefa, eleva-se, nesse ápice de graça, a um plano que, por mediação da actividade intelectual, transforma o “trabalho-de-si-mesmo” numa “espiritualização” do “trabalho-a-realizar”, por mais insignificante que seja.

OBRA.

Por ordem cronológica de redação/primeira publicação, cumpre destacar:

La connaissance surnaturelle. 1941 [Paris: Plon, 1951]

Lettre à un religieux. 1942 [Paris: Gallimard, 1951]

La condition ouvrière. 1937 [Paris: Gallimard, 1951]

La source grecque. 1940 [Paris: Gallimard, 1953]

Oppression et liberté. 1933 [Paris: Gallimard, 1953]

Écrits historiques et politiques. 1932 [Paris: Gallimard, 1960]

Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu. 1940 [Paris: Gallimard, 1962]

Poèmes, suivis de Venise sauvée. 1937 [Paris: Gallimard, 1962]

Sur la Science. 1932 [Paris: Gallimard, 1962]

La pesanteur et la grâce. 1941 [Paris: Plon, 1947]

Leçons de Philosophie. 1933 [Paris: Plon, 1959]

Intuitions pré-chrétiennes. 1941 [Paris: La Colombe, 1951]

Attente de Dieu. 1942 [Paris: La Colombe, 1950]

L' Enracinement. 1942 [Paris: Gallimard, 1949]

Bibliografia

WEIL Simone, *Oeuvres Complètes*, Tomes I-VII, dir. André-A. Devaux e Florence de Lussy, Paris: Gallimard, 1988- [reedição em curso com 12 volumes já publicados de um total de 16 previstos, a incluir em 7 tomos]; AA.VV., *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*, Revista on-line do Instituto Humanitas Unisinos, 313, 03-11-2009; ALAIN, “Simone Weil”, in *La Table Ronde*, No. 28, 1950, 47-51; BALTHASAR Pierrette, *Simone Weil Philosophie Mystique?*, travail de candidature, Lycée Technique d'Ettelbrück, 2012

[<https://portal.education.lu/inno/Travaux-de-candidature/ArtMID/3717/ArticleID/7093/SIMONE-WEIL-UNE-PHILOSOPHIE-MYSTIQUE>]; BELL Richard H. (ed.), *Simone Weil's Philosophy of Culture: Readings Toward a Divine Humanity*. Cambridge University Press, 1993; BINGEMER M. Clara – DI NICOLA Giulia (Orgs), *Simone Weil: ação e contemplação*, Bauru: Ed. Edusc, 2005; BINGEMER M. Clara, “Escravidão e compaixão: sofrimento e vulnerabilidade na Mística de Simone Weil”, in *Revista Portuguesa de Filosofia* 65 (2009) 821-839; BORDIN Luigi, “Simone Weil, da experiência do trágico a uma ética do limite e da responsabilidade”, in *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 23, No. 75, 1996, 525-535; CAMUS Albert, «Lettre à Selma Weil» [11 février 1951], in WEIL Simone, *Oeuvres*, édition établie sous la direction de Florence de Lussy. Paris, Gallimard, 1999, 91; CHALIER Catherine, “Simone Weil”, in *Le Désir de conversion*, Paris: Seuil, 2011; CHENAVIER Robert, *Simone Weil. L'attention au réel*, Paris: Éditions Michalon, 2009; DI NICOLA Giulia – DANESE Attilio, *Persona e impersonale in Simone Weil*, Rubbettino, Soveria Mannelli, 2009; FINCH Henry, *Simone Weil and the Intellect of Grace*, ed. Martin Andic. Continuum International, 1999; GABELLIERI Emmanuel, “Ontologie de la médiation”, in *Simone Weil. Le grand passage*, Paris, Albin Michel, 1994, cap. 8; HOF Christine, *Philosophie et kénose chez Simone Weil : De l'amour du monde à l'Imitatio Christi*, Paris: L'Harmattan, 2016; JACQUIER Charles (dir.), *Simone Weil, l'expérience de la vie et le travail de la pensée*, Arles: Éditions Sulliver, 1998; JANEIRA, Ana Luísa - *Conhecer Simone Weil*, Braga: Livraria Cruz, 1973; KAHN G., DÉVAUX A., KÜHN R. et al., *Simone Weil. Philosophe, historienne et mystique*, Paris, Ed. Aubier Montaigne, 1978; KÜHN Rolf, “Le monde comme texte. Perspectives herméneutiques chez Simone Weil”, in *Revue des Sciences Philosophiques et théologiques*, 64, 1980, 509-530; McCULLOUGH Lissa, *The Religious Philosophy of Simone Weil*. London: I. B. Tauris, 2014; MORGAN Vance, *Weaving the World: Simone Weil on Science, Mathematics, and Love*, University of Notre Dame Press, 2005; PÉTREMENT Simone, *La vie de Simone Weil I (1909-1934); II (1934-1943), avec des lettres et d'autres textes inédits de S. Weil*, Paris, Fayard, 1973; PUENTE Fernando Rey, *Simone Weil et la Grèce*, Paris: L'Harmattan, 2007; ROZELLE-STONE Rebecca – STONE Lucian (eds.), *Relevance of the Radical: Simone Weil 100 Years Later*, New York: T & T Clark, 2009; TAIBI Nadia, *La philosophie au travail. L'expérience ouvrière de Simone Weil*, Paris: L'Harmattan, 2009; VETÖ Miklós, *La métaphysique religieuse de Simone Weil*, Paris, Vrin, 1970; Von der RUHR Mario, *Simone Weil: An Apprenticeship in Attention*, London: Continuum, 2006